

AMOR DE SI:

Desafio Cognitivo de Superação de uma Sociedade Ególatra e Depressiva.

Prof. Me. GlacieneJanuarioHottis Lyra¹

Padre Laudimar Oliveira da Silva 2

RESUMO

O amor de si como desafio cognitivo de superação de uma sociedade ególatra e depressiva é uma forma de aprendizagem que convida o leitor a mergulhar em si mesmo e garimpar em suas inquietações existenciais o seu mais nobre ser que clama por um ultrapassar-se em direção ao outro. É um trabalho avesso aos sistemas educativos formais que tendem a enquadrar a aprendizagem à mera informação e não formação da personalidade. O objetivo é refletir sobre o amor de si que parte de um conhecer-se, aceitar-se e superar-se em um caminho a ser construído com base em princípios éticos comprometedores da pessoa em seu todo, aguçando sua mentalidade de acolhida, respeito, serviço, valorização e interação como outro. O método usado é o da indução qualitativa, visto que a bibliografia usada parte da experiência para depois analisar.

Palavras-chave: Amor; Cognição; Superação; Outro.

ABSTRACT

The love of self as a cognitive challenge of overcoming an egomaniac and depressive society is a form of learning that invites the reader to delve into yourself and panning in their existential concerns its noblest being that calls for a to burst through into the another. It is a work averse to formal education systems tend to frame the learning of mere information and not formation of personality. The aim is to reflect on the love of self that part of a know yourself, accept yourself and be overcome on a path to be built on compromising ethical principles of the person as a whole, sharpening his welcome mentality, respect, service, valuation and interaction with others. The method used is the qualitative induction, since part of the experience literature used for later analysis.

Keywords: Love; cognition; overcoming; Other.

1. Introdução

O presente trabalho traz, à luz da reflexão, a problemática do amor de si em uma época em que os sistemas educativos formais tendem a enquadrar a aprendizagem em uma restrita

¹Mestre- hottislyra@gmail.com- (32) 9926-1717- UEMG- Unidade de Carangola. Psicanalista Psicopedagoga Clínica e Hospitalar- Professora UEMG- Unidade de Carangola- Coordenadora de Extensão. Consultório Psicopedagógico Oficina do Saber- Carangola- MG

2- Padre da Igreja Católica em Serrinha BA- Psicopedagogo Clínico- Teólogo.

sala de aula e esquecer a pessoa humano enquanto um ser de inquietações existenciais. É importante conceber a educação como um todo e não simplesmente como um meio de favorecer a retenção de novos conhecimentos capacitadores de novos profissionais. Isto é necessário, mas não só, pois é preciso também provocar a pessoa a mergulhar em si mesma conhecendo e reconhecendo suas virtudes e misérias, se aceitando em sua totalidade e se superando em um ultrapassar-se em direção ou outro enquanto um ser de relação, capaz de ver o diferente e somar com o mesmo em uma aceitação e respeito mútuo.

Para melhor compreensão deste tema, abordar-se-á alguns assuntos relacionados, tais como: benevolência enquanto uma atitude também para consigo mesmo; concórdia como está de acordo consigo mesmo, vivendo uma harmonia interior implacável à corrupção alheia; benfeitoria em uma perspectiva do doar-se por se fazer grande na medida em que se faz servo; egoísmo enquanto realidade a ser superada em uma perfeita superação de si mesmo, fazendo-se ser para com alguém; inteligência como parte dominante do ser humano que, através de um amor de si, o faz se enxergar como tal na nobreza de sua humildade de saber que nada sabe, e por fim, o amor ao outro como prática inteligente do conhecimento de si mesmo, do aceitar-se e superar-se.

A base desta reflexão, empiricamente falando, são os meus estudos peripatéticos das andanças da vida, nos encontros e confrontos do cotidiano, na luta pela subsistência que, diante do absurdo que pareça o viver, insiste na esperança do valer a pena existir. É remar contra uma maré paradigmática que tenta a todo custo, manipular o coração e a razão humana, fazendo-nos marionetes de suas ideologias castradoras da nobreza de nossos corações, ensinando-os o oposto de sua natureza. Parafraseando Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta” (Nelson Mandela, in site, <http://pensador.uol.com.br>).

Esta pesquisa nasce ainda, da maiêutica platônica do parto de ideias provocada pela obra filosófica e, por que não, pedagógica de Aristóteles: a “Ética a Nicômacos”. E mais, é uma pesquisa enriquecida pela obra pedagógica denominada “Educação: um tesouro a descobrir”. Nesta obra o que mais nos interessa é a temática sobre “Os Quatro Pilares da Educação”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. É um livro que deixa bem claro que a educação não é puro instrumento para se conquistar algo ou alguma coisa,

mas um processo progressivo de construção do ser, de solidificação da personalidade, da identidade em sua totalidade. É como se observa com objetividade:

Uma nova e mais ampla concepção de educação deveria fazer que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isso pressupõe que se ultrapassa a visão puramente instrumental da educação, considerada como via obrigatória para se obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: a realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser. (DELORS, 2012, p. 74).

É analisando o relacionamento da pessoa para consigo mesma, em toda sua complexidade, que surge a nossa problemática: Ao ter amor para consigo mesmo, o ser humano se nutre de maior capacidade cognitiva, tornando sua inteligência mais aguçada, podendo discernir, enquanto um ser de relação, sobre o bem e o mal que o circundam e, se safar de uma sociedade cada vez mais ególatra e depressiva? É com base nesta problemática que este artigo pretende analisar a importância do amor de si que se ultrapassa e favorece o bem comum como um ser de corresponsabilidade.

Motivado por questão um tanto filosófica, psicológica e pedagógica é que, este artigo também navega em várias autorias de livros afins, congruentes em sua forma nobre de enxergar a pessoa humano e o seu valor por ser quem é, e não pelo que faz e tem. É viajar pelos recôndito da natureza humana e notar sua incrível trajetória amorosa para consigo mesma que se nutre e se realiza enquanto um ser para além de si mesmo, dotado de um discernimento favorável a superação de um amor de si concretizado em um amor pelo outro. No entanto: “Antes da disponibilidade para o outro, é indispensável a disposição de si, porque só assim haverá liberdade e respeito ao que o outro é. Só quem é dono de si pode oferecer-se aos outros sem tantos riscos de se perder no outro” (MELO, 2008, p. 69).

O método que aqui será usado é o da indução qualitativa, visto que a bibliografia usada parte da experiência para depois analisar. Pois é sempre bom levar em conta que, sobre questões existenciais, é a experiência originária, simples, imediata que marca a pessoa, levando-a depois a refletir o que experimentou.

O amor de si, que ganhará destaque aqui, é o amor que uma pessoa tem por seu mais verdadeiro ser, do que existe em quanto existe no seu mais profundo íntimo, e que clama por um ultrapassar perfeito da potencialidade desse amor na concretização do amor pelo outro. Isto é, o amor de si só faz sentido ao ser colocado em atividade.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo refletir o amor de si que se conhece, se aceita e se supera partindo de uma visão analítica sobre a benevolência, a concórdia e a beneficência que o ser humano parece ter para consigo mesmo. Daí, será feito um discernimento de um amor de si capaz de se superar num ultrapassar-se perfeito ao encontro do outro, de um amor de si fechado, egoísta, curvado sobre si mesmo, incapaz de perceber a humanidade do outro e sua riqueza enquanto indivíduo que confronta, educa, admoesta, acena, ensina, desconstrói e constrói mentalidades. O amor de si, portanto, que este trabalho privilegia, é aquele que leva a pessoa a se conhecer, se aceitar e se superar, pois é um amor que é capaz de se perceber incompleto, não bastando a si mesmo e tem o discernimento de que, não se pode oferecer aquilo que não se tem e que, só um outro é capaz de oferecer. Isto é uma verdadeira pedagogia empírica que nos coloca diante do processo de sempre saber que nada sabe nem sobre si, nem sobre o outro e nem sobre o mundo que o circunda.

2. Benevolência e amor de si

A benevolência pode ser definida como um “querer bem” (*bene-volare*, no latim), que certamente tem uma beleza (“*halon*”), uma nobreza muito grande. Se tem nobreza, então se percebe que é algo que faz bem ao benevolente, que o engrandece e que o honra. Com isso, não é de si constatar que a benevolência pode provir tanto de relacionamento com o outro, como efeito, quanto de um certo amor de si que se ultrapassa? Destarte, a pessoa benevolente sente prazer em ser quem é com seus atos benévolos, e se ele sente prazer praticando benevolência, não é porque ele se ama e se dá amor na medida em que ama ou transmite algum afeto por uma outra pessoa?

Como base em Aristóteles, a benevolência é apenas um sentimento amistoso; ressalta-se aqui “sentimento”. Não há o desejo, a intenção e o aprofundamento de um relacionamento até se chegar a um relacionamento amistoso. Mas isto não quer negar que o amor de benevolência, que não é o amor de amizade, seja um amor desinteressado, porque o outro é amado sem dar nada em troca ou até mesmo nem sabe que é amado. Aristóteles vai dizer que este gesto benevolente parece ser um início de uma amizade:

A benevolência parece ser então um início de amizade, da mesma forma que o prazer de olhar é o início do amor apaixonado. Efetivamente, ninguém ama apaixonadamente se não fica envolvido primeiro com a figura da pessoa amada, mas quem fica enlevado com a figura de uma pessoa nem por isto a ama; só se ama apaixonadamente quando se anseia pela pessoa amada ausente e se deseja intensamente a sua presença; da mesma forma, as pessoas não

podem ser amigas se não passam a sentir uma boa vontade recíproca, mas nem por isto as pessoas que sentem benevolência recíproca são amigas; elas somente desejam o bem das pessoas pelas quais sentem boa vontade, e nada fariam por elas nem se preocupariam com elas. Sendo assim, podemos estender o alcance da palavra “amizade” para dizer que a benevolência é uma amizade estéril, embora quando se prolonga e atinge o nível da intimidade ela se torne amizade propriamente dita, mas não a amizade baseada no interesse ou no prazer (a benevolência não se manifesta diante destes sentimentos). (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 5, 1167^a, p. 180. Tradução modificada a partir do grego).

Aristóteles com isso, quis precisar que para haver “amor de amizade é preciso que o que é amado, o amigo, ame também o que ama, e que ele o ame igualmente num amor desinteressado” (PHILIPPE, 2002, p. 73). Se não for assim, a benevolência não passará de uma espécie de amizade estéril, o relacionamento entre ambas as pessoas não progredirá, não atingirá a intimidade de uma convivência que só o amor dá. Para que isto não aconteça, reclama-se um pôr em comum (*koinonia*). Pois, se duas pessoas são benevolentes uma para com a outra, mas não revelam entre si tal sentimento benevolente, colocando em comum, como pretender que elas sejam amigas, se o que uma sente para com a outra permanece oculto? Destarte, segundo Aristóteles, entre os amigos existe uma intimidade que favorece a revelação do sentimento que existe entre ambos, demonstrando que realmente eles são amigos. Portanto, se o amor de benevolência for recíproco, haverá amor de amizade. Através desse amor recíproco a pessoa ama aquela que a ama e escolhe aquela pessoa que também a escolheu.

A benevolência pode brotar de uma amizade escolhida e realmente desinteressada. Isso não impede que a benevolência possa brotar também do amor de si, que faz da pessoa um ser benevolente, pois tal pessoa que se ama deixa florir o que existe de mais natural de si e de excelente: a sua humanidade. Se a pessoa ama aquela que a ama e a escolhe, aquela que a escolheu não é porque ela quer dar a si mesma um outro amor, que não é o dela mesmo por ter consciência que ninguém basta-se a si mesmo em sua autossuficiência, mas o amor de uma outra pessoa que a possa, de certa forma, completá-la? É preciso de sensibilidade, e perceber que nas entrelinhas de um ato de benevolência pode estar escondido um grande amor por si mesmo.

Na amizade, o amor ao outro e o amor de si se conjugam extraordinariamente, sem oposição:

Parece que o desejo de ser amigo (*philésis*) é uma emoção e a amizade é uma disposição do caráter; de fato, pode-se sentir amor também por coisas inanimadas, mas o amor recíproco pressupõe escolha e a escolha tem origem numa disposição do caráter; além disto, desejamos bem às pessoas que amamos pelo que elas são, e não em decorrência de um sentimento, mas de

uma disposição do caráter. Gostando de um amigo as pessoas gostam do que é bom para si mesmas, pois a pessoa boa, torna-se amiga, torna-se um bem para seu amigo. Cada uma das partes, então, ama o seu próprio bem e proporcionando-lhe prazer. A propósito, diz-se que a amizade é igualdade, e ambas se encontram principalmente nas pessoas boas. (ARISTÓTELES, 1992, VIII, cap. 5, 1157b, p. 159).

Contudo, o que nos interessa aqui, não é tanto a amizade em si, apesar de que esta, por excelência, é a virtude dos bons. O que nos interessa mesmo é a benevolência, a qual toca na questão de algo bom que brota da própria pessoa parecendo revelar um amor de si. Dito isto, se há benevolência, um suposto amor de si em uma pessoa, é por que existe também, uma suposta concórdia consigo mesma em querer sempre o bem à alguém.

2.1. Concórdia e amor de si

Para Aristóteles a concórdia, no sentido cordial, só existe entre pessoas boas, logo pode se constatar nelas um amor de si. Porque se uma pessoa é boa e busca uma boa convivência, não é porque, *a priori*, há um amor de si que a leva a concordar consigo mesma, ao passo que percebe um bem que favorece tanto a outra pessoa como a si mesma? “O amor talvez seja isso. Encontro de partes que se complementam, porque se respeitam. E, no ato de se respeitarem, ampliam o mundo um do outro. O recém-chegado não tem o direito de reduzir o mundo de quem se deixa encontrar. O amor não diminui, mas multiplica” (MELO, 2008, p. 62). O mesmo não acontece com pessoas de má índole, egoístas, prepotentes, envolvidas em sua bolha narcísica. Aristóteles é bastante perceptivo e direto ao falar do que venha a ser um bom relacionamento entre pessoas enquanto concordes:

As pessoas más, ao contrário, não podem estar de acordo exceto num âmbito restrito; tampouco elas podem ser amigas, já que visam a obter para si mesmas mais do que o seu quinhão de proveito, enquanto no trabalho e nos serviços à cidade elas ficam aquém de seu quinhão; cada uma destas pessoas, desejando proveito para si mesma, critica o próximo e se interpõe em seu caminho (com efeito, se as pessoas não estão atentas ao bem comum ele se deteriora rapidamente). O resultado é que a discórdia reina sempre entre estas pessoas, que procuram compelir as outras a fazer o que é justo mas não se dispõem a fazê-lo. (Aristóteles, 1992, IX, cap. 6, 1167b, p. 181.)

Tal observação é muito rica, precisa e pertinente. Constata-se de forma crítica um amor de si exacerbado, que acaba voltando a pessoa para si mesma de forma egocêntrica, contemplando seu próprio umbigo em um envergamento que a rompe e a faz desprezível, pois o gostoso da vida – o viver bem consigo mesma e com outros – acaba passando para segundo plano ou até mesmo não se busca mais, ao notar um vazio existencial que poderá desembocar-

se em sentimentos depressivos. A vida se torna um tanto detestável, uma vez que não se sabe conviver com outras pessoas. Quando, pelo contrário, a pessoa está de acordo na comunhão de vida, na convivência social, é porque ela tem um amor de si que não a afoga em si mesma, mas a faz celebrar a pedagogia do amor, uma pedagogia repleta de sentimentos nobres, de valores essenciais aos tempos de hoje, como respeito, solidariedade e idealismo, que desperta a esperança de um novo tempo, mais justo e fraterno. Este amor de si, faz a pessoa se superar a si mesma, dando-lhe a capacidade de buscar viver em comunidade, em comum acordo para o bem de todos e não só de si mesma, fazendo-a praticar, inclusive, obras beneficentes.

2.2. Beneficência e amor de si

Formando uma trilogia convergente entre benevolência, concórdia e a beneficência, este que será discorrido agora e com mais precisão que as outras duas (“Benevolência” e “Concórdia”), pois a beneficência é uma atividade que enobrece os sentimentos. Nesta trilogia, conotam-se aspectos amorosos, afetuosos de uma pessoa para com uma outra. Tais sentimentos, por visto, nobres por excelência, podem estar acenando, também, *a prioristicamente*, para um patente amor que a pessoa sente para com ela mesma. Ademais, ninguém pode dar o que não tem.

Os benfeitores, segundo se pensa, amam as pessoas por eles beneficiadas mais do que estas os poderiam amá-los. Esta questão é discutida como se fosse paradoxal, por ser aparentemente estranha e inaceitável à razão; no entanto o lógico muitas vezes não é lógico à consciência humana que se abre ao amor. É só lembrar o filósofo Blaise Pascal quando dizia que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. E como diz Aristóteles:

Muitos pensam que isto acontece porque as pessoas beneficiadas estão numa posição de devedores e os benfeitores estão numa posição de credores; conseqüentemente, da mesma forma que no caso de empréstimo os devedores prefeririam que seus credores não existissem, pensa-se que os benfeitores desejam que seus devedores estejam bem, já que assim receberão o que lhes é devido, ao passo que as pessoas beneficiadas não estão ansiosas por pagar. Epícaros talvez tenha querido dizer que quem dá esta explicação está “olhando para o lado pior da vida”, mas ela é muito conforme a natureza humana, pois as pessoas em sua maioria têm a memória curta e estão mais ansiosas por ser bem tratadas do que por tratar bem as outras. Mas a causa deste procedimento parece estar arraigada muito profundamente na natureza das coisas, e o caso das pessoas que emprestam dinheiro não é sequer análogo a este. Com efeito, estas pessoas não têm sentimento amistoso para com seus devedores, mas somente o desejo de poder estar seguros em relação ao que esperam obter de volta; quanto às pessoas que prestaram um serviço a outras, elas sentem amor e amizade por aquelas a quem serviram, mesmo se estas não

lhes são de qualquer serventia e nunca poderão sê-lo. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 7, 1167 b, pp. 181-182).

Os benfeitores são aquelas pessoas que procuram fazer o bem a alguém, prestar algum serviço incondicionalmente a outras pessoas pelo simples fato de ser uma ação nobre e cordial. Aristóteles chega a fazer uma comparação relevante entre os benfeitores e os artistas, os quais têm um amor um tanto exagerado por suas obras. É um amor por algo criado, gestado com todo adorno por um movimento interno que ao sair de si, o leva a encantar-se consigo mesmo. “Sair de si”, constatação extraordinária: se se ama algo que saiu de si mesmo, não é porque existe um amor por si mesmo? O artista não se vê na sua obra de arte e a ama como se fosse se amando? E ao amar sua obra, o artista não sente uma necessidade gritante de divulgá-la? Daí, surge uma outra questão, a saber: esta necessidade de divulgação não vem de uma outra necessidade, que é exatamente o querer que outros reconheçam sua obra como maravilhosa, por perceber que não basta ele mesmo se afirmar? E ao acontecer isto, o artista não fica honrado e satisfeito pela apreciação de muitos?

O tocante no parágrafo acima, é que, o amor em questão, não tem nada a ver com o seu oposto: o amor narcísico, fechado, estancado na mediocridade de seu pequeno mundo, que não se permitir desabrochar para a virtude do existir, isto é, estar além de si mesmo e se fazer um com o outro. Faz-se *jus* aqui, nos nutrimos, sem citar, de duas famosas literaturas da mitologia grega: “Narciso” (BRANDÃO, 2005) e “O Mito da Caverna” (PLATÃO, 1967). Aquele, fechado em uma viseira que não lhe oferece um outro horizonte a não ser, a contemplação do próprio umbigo e morre afogado em si mesmo. Este fala de um jovem que, ao descobrir a verdade, quer revelá-la aos outros que se encontram presos no mundo das ilusões, mesmo tendo que pôr em risco a própria vida. Este podemos chamar de benfeitor, já aquele, falaremos mais na frente: egoísta.

Voltando à reflexão com base em Aristóteles, onde os benfeitores foram comparados aos artistas, o filósofo continua com a comparação demonstrando que para o benfeitor o que interessa é “fazer algo para”, sem esperar reciprocidade ou reconhecimento do beneficiado:

A mesma coisa acontece com os artífices; cada pessoa ama a sua obra mais do que poderia vir a ser amada por ela se ela adquirisse vida; isto talvez aconteça principalmente com os poetas, pois eles têm um amor excessivo por seus poemas, mimando-os como os pais mimam seus filhos. É a isto que se assemelha a posição dos benfeitores; realmente, o que eles tratam bem é o que fizeram, e portanto eles amam mais a sua obra do que a obra amaria o seu autor. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 7, 1167 b, p. 182).

O autor faz essa comparação para salientar o quanto as pessoas parecem amar a existência pelo fato de dar significado à sua vida e em vive-la de maneira sincera e apaixonada, apesar da existência de muitos obstáculos e distrações como desespero, ansiedade, o absurdo, a alienação, o tédio e muito mais. Dito isto, o valor existencial só acontece quando as pessoas vivem a virtude da atividade: viver em ação. Aristóteles com isso, vai dizer que a obra é como se fosse o próprio produtor em atividade, e só há amor pela obra porque o próprio produtor ama a existência. O autor, portanto, valoriza a existência concreta das coisas. Ele não fica na esterilidade da existência enquanto potencialidade, mas parte para o princípio de fecundidade, trazendo o que está em potência para o mundo real com suas respectivas atividades. Porque, segundo o filósofo, “a obra de um homem é a realização de uma coisa que só existia potencialmente” (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 7, 1168 a, p. 182). Ao trazer a palavra potência nesta contextualização, Aristóteles sutilmente, não parece revelar que o benfeitor tem um amor de si que o leva a revelar algo que só existia nele mesmo e que agora, comunicando ele o ama como se fosse uma parte de si ou como a si mesmo, em um amor desinteressado no sentido artístico? Pois, a obra do artista não é só útil, interessante, ela é expressiva, “gratuitamente”.

Continuando no que diz respeito ao benfeitor, Aristóteles faz uma análise minuciosa, sobre o papel do agente e do paciente, isto é, como ambos se sentem em seu devido estado. O benfeitor, como constata o autor, faz o bem sem olhar a quem, pois é nobre e honroso para ele tal atividade. Já para o beneficiado, não há honra nem tão pouco nobreza, mas somente a utilidade da beneficência:

Ao mesmo tempo, para o benfeitor há um elemento nobilitante em sua ação, e por isso ele se alegra com a pessoa que é o objeto de sua ação, ao passo que para o paciente nada há de nobre no agente, mas na melhor das hipóteses algo proveitoso, e isto é menos agradável e digno de amar. O agradável é a atividade no presente, a esperança no futuro e a recordação do passado, porém o mais agradável é aquilo que depende da atividade, e isto é também mais digno de amar. Para uma pessoa que faz alguma coisa por alguém sua obra permanece (o que é nobilitante é duradouro), mas para o beneficiário o proveito se dissipa. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 7, 1168 a, p. 182).

Aristóteles diz o seguinte: “amar se assemelha à atividade e ser amado se assemelha à passividade; amar e ter as várias formas de sentimentos amistosos são atributos das pessoas ativas” (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 7, 1168 a, p. 182). Portanto, o filósofo ressalta o valor da atividade como reveladora de sentimentos. Quanto mais a pessoa se dedica àquilo que se busca ao que se gosta, mais afeto ela depositará, de certa forma, no objeto ou na pessoa por ela amada. Se uma pessoa trabalha para ter seu dinheiro, ela terá mais apreço do que os seus herdeiros, e

se uma pessoa se esforça para tratar uma outra bem, aquela terá mais amor por esta do que esta, por aquela. Então fica claro que quanto mais uma pessoa se esforçar em obter ou em fazer algo por alguém, maior ainda será seu amor depositado nesta sua atividade.

É de se observar, em alguns casos, que no benfeitor, existe uma certa noção de posse sobre do beneficiado. Sente-se, de certa forma, dono. E por se achar “dono”, quer preservar seu pertence, cuidar dele e dar-lhe amor. Isto poderá ocasionar-se em uma espécie de prisão para o beneficiado. Além de poder se sentir devedor, em alguns casos, sente-se pressionado a fazer algo que agrade ao seu benfeitor. Podemos tomar como exemplo, deste tipo de relacionamento duvidoso, as pessoas que buscam ter o mesmo pensamento, compartilhar das mesmas ideias ou até mesmo ideologias sem levar em conta a sua autonomia. Quando isto acontece, o benfeitor manifesta no seu ato uma espécie de amor de si um tanto exagerado, chegando ao egoísmo, que acaba anulando o outro enquanto pessoa única, indivisível, particular e individual. O beneficiado, portanto, acaba se tornando um prolongamento do benfeitor.

3. Amor de si e egoísmo

Diante de tantas atrocidades – corrupção, injustiça, manifestações terroristas, pessoas gladiando-se, guerras e o grande crescimento da população desfavorecida – fica a saber se na sociedade há amor na pessoa por ela mesma, ou se na verdade o que há é um amor de si distorcido, mal elaborado por não ter vivido as fases do conhecer-se, aceitar-se e superar-se. Aristóteles, quando fala do amor de si, fala de um amor que faz bem ao coração, à estima e principalmente ao relacionamento entre os seres humanos. Só que, muitas vezes, o amor de si é mal entendido e, acaba se tornando uma atitude egocêntrica, injusta, excludente e coisificante do outro. Com base nisto, Aristóteles, à luz da questão “se uma pessoa deve amar-se mais a si mesma ou outras pessoas”, faz uma breve distinção, discriminando um amor de si que não é produto de luxo ou de vaidade, de um amor de si que leva ao egoísmo:

Também é debatida a questão de saber se uma pessoa deve amar-se mais a si mesma ou a outras pessoas. As que se amam mais a si mesmas são criticadas e chamadas de “amantes de si”, usando-se o termo em sentido pejorativo, e uma pessoa má parece fazer tudo pensando em si mesma, e quanto mais ela é assim pior ela é – diz-se, por exemplo, censurando tais pessoas, que elas nada fazem por iniciativa própria – enquanto uma pessoa boa age pensando no que é honroso, e quanto mais ela é assim, melhor ela é, e age por causa de seus amigos, sacrificando até seus próprios interesses. Mas os fatos colidem com estes argumentos, e isto nada tem de surpreendente. Realmente diz-se que as pessoas devem amar os seus melhores amigos, e nosso melhor amigo é aquele que nos deseja o bem por nossa causa, mesmo que ninguém venha a saber

disto; estes atributos se encontram principalmente na atitude de uma pessoa em relação a si mesma, e acontece o mesmo com todos os outros atributos pelos quais se define um amigo, pois como já dissemos é a partir desta relação que todas as outras características da amizade se estendem ao próximo. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 8, 1168 b, p. 183).

Aristóteles é bastante surpreendente, nesta citação, onde aparece um amor de si que na verdade não passa de um egoísmo disfarçado, e um amor de si que se supera em um ultrapassar-se em direção a uma outra pessoa. Portanto, nada mais resta a não ser dizer que pessoas egoístas são aquelas,

(...) que reservam para si mesmas a maior parte de sua riqueza, honrarias e os prazeres do corpo; com efeito, são estas as coisas que as pessoas desejam acima de tudo e de esforçam por obter como se elas fossem as melhores entre todas; esta é também a razão pela qual tais coisas se tornam objeto de competição. Então as pessoas gananciosas a respeito destas coisas satisfazem os seus apetites e de um modo geral seus sentimentos e o elemento irracional de sua alma; os homens em sua maioria são desta natureza (por isto o epíteto passou a ser usado pejorativamente, recebendo o seu significado do tipo mais comum de “amor de si”, que é o mau); é justo portanto que as pessoas que se amam a si mesmas nesse sentido recebam censuras por serem assim. É óbvio, então, que são as pessoas que dão preferência a si mesmas em relação a coisas desta espécie que recebem da maioria o epíteto de “amantes de si”; realmente, se uma pessoa estivesse sempre ansiosa acima de tudo por agir de maneira justa e moderada, ou de acordo com qualquer outra forma de excelência moral, e em geral estivesse sempre se esforçando por assegurar para si mesma a nobreza moral, ninguém a chamaria de “amante de si” ou a recriminaria (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 8, 1168 b, pp. 183-184).

Tal atitude acima descrita sobre uma pessoa indubitavelmente egoísta, não passa de uma ação imoral, digna de discriminação e reclamações. O curioso é constatar que a argumentação feita por Aristóteles é algo atemporal. Apesar dele ser, cronologicamente, considerado um filósofo antigo, suas obras continuam em vigor em pleno século XXI, servindo de sacolejo para uma sociedade engessada em seus paradigmas, preocupada em ensinar a ser humano a descobrir e dominar o átomo, mas não se preocupa em ensinar a descobrir e dominar a si mesmo. “O ser humano é um estranho para si mesmo! A educação tornou-se seca, fria e sem tempero emocional” (CURY, 2003, 15).

Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as idéias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens, e não formando sua personalidade. (CURY, 2003, p. 15)

Pois é notório como a sociedade contemporânea vem vivendo uma inversão de valores, mesmo tendo a tecnologia e as redes de comunicação sociais ao seu alcance, chega ao absurdo da “cegueira” em não perceber que, ou até mesmo percebe, mas por estar vivendo

centrado em seu “eu”, está destruindo a riqueza de ser e existir: o relacionamento saldável, harmônico e prazeroso consigo mesmo e com o outro. Pois, quando usa a tecnologia para divulgar, divulga mal e, mal sobre alguém ao cometer maledicência, e mal sobre si mesmo ao se expor castrando sua própria dignidade, e mal ao não informar, mas deformar consciência, por fim, e mal por se revelar ser uma pessoa que não tem amor por si mesma, pois suas atitudes são más, fazendo-a pessoa desprezível.

O ser humano que se diz, orgulhosamente, ser o único animal racional do planeta, e o é, enquanto não se prove o contrário e, que busca incansavelmente o progresso, parece estar regredindo ao seu estado primitivo, deixando de lado o *sapiens, sapiens* e se comportando como *demens, demens*. O que não falta é noticiários exclusivistas de suicídios, homicídios, estupros, perversidades em vários graus e, de modo geral, atitudes hediondas. Parece ser uma falta de amor de si que leva a pessoa a não notar em si mesma o que ela tem de melhor para si e para oferecer, que desemboque na incrível sensibilidade em perceber, respeitar e amar o outro ao invés de odiá-lo. A indiferença em não querer enxergar que o ser humano, como bem dizia William Shakespeare, tem uma essência de vidro, é que vem destruindo a nossa nobre capacidade de saber cuidar de si e do outro. Os que estão abertos e conscientes sobre a importância da essência humana que é amar, se revelam abertos e conscientes de que, fazer a diferença não é se tornar melhor do que alguém, mas diferente de muitos e, assim persistem acreditando no amor e ensinado a amar. Já os que assim não são, ou ignoram tal atitude, além de não ficarem bem consigo mesmos, tendem a dificultar a vida alheia. Pois falta-lhes amor de si, não podendo se dar e oferecer daquilo que não goza.

Quando uma pessoa chega ao estado de alienação de sua própria natureza humana, o único ponto de vista que lhe interessa é unicamente o seu próprio. Amigos não tem e nem se esforça em ter, porque não confia em ninguém, a não ser em si mesma, a simples presença do outro não lhe é agradável. Tende a se fechar sobre si, a se individualizar cada vez mais. E quando acontece, em se aproximar de alguém, em muitos casos, pode surgir logo um relacionamento dúbio, isto é, a pessoa deve estar procurando alguma satisfação própria e individualista, sem nenhum propósito de compromisso efetivo e ou afetivo com o outro.

Já em contrapartida ao egoísmo que gera o egoísta, tem o amor de si que nada mais é do que uma inclinação inteiramente natural do ser humano. É um amor “encarnado”, que leva a pessoa a não olhar apenas para si mesma, mas para além de si, para um outro que a torna cada vez mais humanizada em um relacionamento de valores com base nas virtudes, pois o outro, é um ser de confronto, que ajuda o “eu” a se conhecer cada vez melhor, a tomar conhecimento

de suas limitações e se perceber como um ser em contínua construção da personalidade. A respeito desse amor de si, eis o que Marie-Dominique constata:

Esse amor é o sentimento mais forte e mais natural que existe, já que ele tem por objetivo o bem que nos é mais unido, portanto, que é o mais nosso. Este amor requer desabrochar e prolongar-se em verdadeiro amor de amizade: assim entendido, longe de dobrar o homem sobre si mesmo, torna-o acolhedor aos outros, capaz de compreendê-los e de amá-los. (PHILIPPE, 2002, p. 79).

O amor de si, portanto, é um amor que envolve conhecimento de si mesmo e se ultrapassa. Conhecer-se não é um simples conhecimento superficial a respeito de si, mas sim, conhecer em si mesmo o que há de mais verdadeiro, genuíno, de melhor e de pior, se aceitarem se superar em uma laboriosa e enriquecedora formação da personalidade. E mais, este conhecimento de si, jamais é estancado, uma vez que o ser humano como bem lembra Edgar Morin, é uma fonte de complexidade. E mais, Nietzsche foi certo ao declarar que o ser humano é um ser insaciável. Assim sendo, complexo e insaciável, a pessoa se revela, por assim dizer, como um ser sedento por buscas e conhecimentos inesgotáveis. Na medida em que se vai dando o conhecimento de si mesma, de sua aceitação e de sua superação, é que nasce na pessoa um verdadeiro amor de si, pois ela passa a trabalhar cada vez mais à sua personalidade para as práticas das virtudes. É ir de encontro ademagogia de si mesma, pois seria contraditório amar a si mesma e praticar atitudes odiosas, dignas de repreensão, pois o amor clama por virtudes. E mais,

(...) as pessoas que se dedicam com empenho excepcional à prática de ações nobilitantes recebem a aprovação e o louvor de todos; e se todos se emulassem no sentido do que é nobilitante e se esforçassem ao máximo por praticar as ações mais nobilitantes, tudo seria, como deve ser, para o bem comum, e cada pessoa asseguraria para si mesma os bens maiores, já que a excelência moral é o maior dos bens. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 8, 1169 a, p. 184).

Aristóteles considera tal atitude de excelência moral um dos maiores bens; sendo, portanto, uma atitude que honra a pessoa em si mesma, o autor vai confirmar que a pessoa deve se amar, porque ao se amar ela se preocupará em agir bem consigo mesma e com o outro através de atos nobres. A citação seguinte de Philippe, coloca de forma concreta o que venha ser um ato nobilitante:

Dedicar-se aos outros, amando-os e sendo capaz de dar-lhes seu tempo, seu trabalho, sua inteligência, seus próprios bens, não seria o que existe de mais nobre e de maior no coração do homem? Amando os outros, engrandecemos, esquecemos nossas próprias dificuldades, nosso próprio egocentrismo, para ajuda-los, para sustê-los. (PHILIPPE, *In Análise e Síntese*, 2002, p. 82).

Nisso tudo que traz a citação, tem um “porém”. A humanidade hoje em dia se preocupa mais ligeiramente em corresponder aos anseios da sociedade materialista, a qual tem como

objetivo egoísta acumular sempre mais e ajudar o menos possível; é o verdadeiro capitalismo liberal posto em prática como o maior bem da humanidade. Há muitos que seguem cegamente estes contra valores descaracterizadores da pessoa humana, pois a coisifica como se fosse uma tábula rasa, imune de suas faculdades intelectivas. Mais existem ainda, aqueles que nadam contra a correnteza massificadora e se preocupam com o futuro da humanidade, fazendo questão de lembrá-la do valor que há em si mesma e sobre o valor do outro. Segue:

Também é verdadeiro no caso das pessoas boas que elas praticam muitas ações por causa de seus amigos e de sua cidade, e se for necessário morrerão por eles e ela, pois elas desprezarão as riquezas e as honrarias e de um modo geral os bens que são objeto de competição, ganhando para si mesmas a nobreza, já que elas preferem um momento fugaz de prazer intenso a um longo período de satisfação moderada, um ano de vida nobilitante a muitos anos de vida rotineira, e um ato magnífico e nobilitante a muitos atos triviais. Ora: as pessoas que morrem por outras chegam sem dúvida a este resultado, e portanto escolhem um prêmio extraordinário para si mesmas. Elas também desprezarão a riqueza se disto resultar que seus amigos ganhem mais, pois ao mesmo tempo que o amigo de uma pessoa ganha riqueza; ela está portanto reservando para si mesma o maior dos bens. O mesmo é verdadeiro também no que diz respeito às honrarias e às funções públicas; a pessoa boa sacrificará tudo isto por seus amigos, pois este procedimento é nobilitante e louvável para ela. Então ela é considerada boa acertadamente, pois escolhe antes de tudo o que é nobilitante. A pessoa boa pode até deixar que seus amigos pratiquem boas ações que ela mesma poderia praticar; é mais nobilitante ser a causa da prática de uma boa ação por seu amigo do que praticá-la. Consequentemente, em todas as ações por cuja prática as pessoas são louvadas vemos as pessoas boas reservarem para si mesmas o quinhão maior que é nobilitante. Neste sentido, então, como já dissemos, uma pessoa pode ser amante de si, mas no sentido em que a maioria das pessoas é amante de si ela não deve. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 8, 1169 a – 1169 b, pp. 184 – 185. Tradução modificada a partir do grego).

É interessante observar que o tradutor Mário da Gama Kury usa a expressão “egolatria” em vez de “amor de si”. E é exatamente nesta tradução que está toda a confusão de achar que o amor de si é algo egoísta, centrado em si próprio, que impossibilita a pessoa de além de si mesma. A expressão “amor de si” vem do grego *philautia*, que não evoca, necessariamente, uma noção pejorativa do amor de si. Dessa forma, fica esclarecido que existe um amor de si que se ultrapassa. Já o amor de si que leva ao egoísmo, é completamente avesso do amor de si aberto, acolhedor, dinâmico, fomentador da nobreza do coração. As pessoas egoístas, portanto, têm a tendência de buscar sempre se auto afirmar, se isolar e até se inimizar com muitos; pouco se importam em fazer algo em prol de alguém, dificilmente estão em disposição para alguém, mas sempre para consigo mesmas. Philippe reforça dizendo que:

(...) o verdadeiro amor de si reclama ser ultrapassado no amor pelo outro, na sua transcendência. Além disso, descobre-se que o verdadeiro amor de si requer que o eu-limite seja ordenado ao eu-pessoal. Dito de outro modo, é

preciso sempre que o amor de nosso eu-aberto assuma profundamente o nosso eu-limite, para que o nosso amor por nós mesmos permaneça verdadeiro e seja capaz de se aperfeiçoar no amor pelo outro. Isto reclama uma grande lucidez sobre o que nós somos profundamente, sobre nossas qualidades atuais e nossos limites, e sobre o amor pelo que há de melhor em nós – amor capaz de transformar o que é menos bom e capaz, sobretudo, de se terminar num amor pelo outro. (PHILIPPE, 1986, p. 7)

Quem assim não age, dificilmente se permitirá estar com o outro; ou porque o outro, em uma visão depreciativa de si, será visto como alguém “melhor” do que o “eu”, sendo assim, merecedor de um “tu” que, aparentemente seja melhor do que o “eu”. Ou em uma visão autossuficiente, será visto como alguém que não está à sua altura econômica, padrão de beleza, classificação social e outros, tornando-o indigno de relação com o “eu”.

A pessoa carente de amor de si, tende a se fechar em seu mundo sombrio, fadada a angústia. Já quem se ama, se aceita, se percebe em suas limitações e defeitos, e mesmo assim vive um amor de si que lhe ajuda a ser melhor, em um superar-se como um ser em contínuo processo de construção da personalidade aberta ao outro.

Esse processo de agregação possibilita ao ser humano o crescimento de seu horizonte de sentido. Tornamo-nos mais ricos com a presença dos que nos agregam. Relações saudáveis são relações que nos devolvem a nós mesmos – e, o melhor, devolvem-nos melhorados. O outro, ao passar pela nossa vida, encontra-se com nossa subjetividade. Ao estabelecer conosco uma relação, ele está nos permitindo adentrar o seu território subjetivo. Esse encontro faz surgir uma terceira pessoa, o nós. Respeitadas as subjetividades, isto é, as pessoas não deixam de ser elas mesmas, o encontro humano alcança o seu poder de integrar as partes, entrelaçando-as sem que elas se confundam. (MELO, 2008, p. 62)

Pessoas com este tipo de personalidade, costuma-se a se doar ao outro discernidamente, e se percebe como um bem que poderá despertar a felicidade em alguém. Destarte, quanto mais o ser humano se ama, tanto mais ele busca se aperfeiçoar, ser melhor e se tornar, inteligentemente, um bem para si mesmo e para o outro; e mais, quanto maior for o amor de si, maior ainda poderá ser o grau de amor pelo outro. Conclui Philippe:

É preciso reconhecer que o nosso eu não é verdadeiramente profundo, nem é verdadeiramente bom, senão quando nós o amamos; mas é preciso também reconhecer que existe, em cada um de nós e no mais íntimo de nós mesmos, o que nós somos na nossa própria pessoa – nosso “eu profundo”, que é por se mesmo bom e amável, capaz de suscitar um amor em nós, no mais íntimo de nós mesmos. Este “eu profundo” pessoal é um bem verdadeiro para nós, é sobretudo o bem mais próximo, o mais presente, e também aquele que muitas vezes pensamos conhecer melhor; pelo menos é aquele que conhecemos há mais tempo; é, enfim, aquele que não nos pode escapar e que não pode se esquivar. Eis por que, se nós o consideramos com um olhar penetrante, além de suas manifestações acidentais e exteriores, ele é capaz de suscitar em nós um verdadeiro amor. Entretanto, é necessário reconhecer que a bondade deste

“eu pessoal”, profundo, se atua e se explicita na medida mesma em que já somos orientados para nosso fim, para um bem que está além de nós. (PHILIPPE, 1986, p. 6).

4. Amor de si e inteligência

Deixando a discussão a respeito do amor de si e egoísmo, entra-se agora, em um novo assunto que também reflete a problemática do amor de si: a “inteligência”. Este ponto dedicado à inteligência é pelo seguinte motivo: para Aristóteles, o amor de si traz consigo a inteligência como parte mais dominante da pessoa. Portanto, segundo o autor “o homem que ama a sua parte dominante e a satisfaz é mais que todos alguém que se ama. Além disto, (...) a inteligência é o próprio homem (...). (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 8, 1169 a, p. 184). “Amar é antes de tudo conhecer. É investigação da história, dos sentimentos, dos desejos, medos e anseios. Só quem ama tem disposição de ir além da superfície” (MELO, 2008, p. 63).

Mas será que é possível haver realmente alguma união ou concórdia entre amor e inteligência no amor de si? Ou isso envolve todo um dúbio conceito de “casamento” do amor e inteligência? Amor e inteligência não caminham por caminhos completamente opostos? Mas, por outro lado, há algum mal em amor e inteligência caminharem juntos como companheiros na amorosa lúcidabusca pelo conhecimento? Será que não existe uma confusão, quando ao falar da *inteligência*, pensa-se logo na *razão*? A razão pode se achar completa e ser fechada sobre si como uma espécie de razão vaidosa, pronta e acabada. E isto se aplica aos estúpidos como bem acenava Albert Einstein: “Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, não estou tão certo a respeito do universo”. Ao contrário da razão, a inteligência tem consciência da necessidade do outro, de sua incompletude.

Existe um texto clássico de Platão, no seu livro “O Banquete”, onde o autor mostra que o amor não é cheio de si, e é sempre acompanhado por uma sincera busca da verdade, em vez da arrogância. Nesta obra platônica, Sócrates faz um discurso a respeito da natureza do amor apoiado na sacerdotisa Diotima. Sócrates utiliza um magnífico mito que fala do nascimento do amor:

Quando nasceu Afrodite, banquetevam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois vinho ainda não havia –, penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu

natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece, ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. Eis com efeito o que se dá. Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio – pois já é -, assim como se alguém mais é sabido, não filosofa. Nem também os ignorantes filosofam ou desejam ser sábios; pois é nisso mesmo que está o difícil da ignorância, no pensar, quem não é um homem distinto e gentil, nem inteligente, que lhe basta assim. Não deseja portanto quem não imagina ser deficiente naquilo que não pensa lhe ser preciso. (PLATÃO, 1999, pp. 156-158).

No mito do nascimento do Amor, aparecem Recurso e Pobreza como seus pais. O Amor é apresentado como descendente de um pai sábio e ativo, e de uma mãe sem instrução nem iniciativa, herdando, conseqüentemente, as duas naturezas, estando assim, no meio termo, buscando a harmonia entre ambas as partes. Esta precisa descrição do nascimento do Amor servirá para melhor demonstrar que amor e inteligência caminham juntos e se encontram em uma amor de si que se ultrapassa.

Com isso, faz-se também necessário adentrar de forma rápida na natureza da inteligência. A palavra “inteligência” vem do latim *intelligere*, de *inter* (entre) e *llegere* (ler): ler as entrelinhas, ler por dentro. Portanto, é da natureza da inteligência saber “ler a realidade do interior, para conseguir discernir as coisas acidentais, secundárias, superficiais, aparentes, das realidades essenciais e primárias, e descobrir, em definitivo, a fonte que explica tudo o resto” (PHILIPPE, 1998, p. 141). Todo discernimento implica em juízo, um olhar profundo, interior e radical, melhor dizendo, que vá até a raiz do que está sendo analisado. Pois: “O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir” (DELORS, 2012, p. 74).

Mas a inteligência fica estática, parada neste discernimento; será que ela não tem uma finalidade a ser alcançada? Por que será que a inteligência tem esta profunda inclinação em querer percorrer um caminho de profundidade interior na busca do conhecer a verdade? E será

que só a busca da verdade basta a inteligência? Destarte, a inteligência tem sim uma finalidade última que é uma atividade, e esta atividade é a contemplação. A contemplação é aquele olhar pleno que a pessoa tem sobre aquilo que mais lhe interessa, isto é, algo concreto, uma pessoa, e, sobretudo quando é uma pessoa amada. A inteligência quer sempre mais, nunca se satisfaz e, tomada pela inconformidade natural do que já é, vai além de si mesma em busca de um outro para contemplar e reter novas aprendizagens.

A inteligência tem diversas formas e uma variada maneira de se desenvolver e buscar a verdade. Com base em Philippe, existe esta diversidade na inteligência porque ela não é unívoca, mas dinâmica: cada pessoa tem sua inteligência única, inconfundível, em diferente grau. Assim sendo, a inteligência pode se desenvolver de um modo realista que envolve o experimentar: enxergar, apalpar, degustar, cheirar, ouvir. Um outro modo, e este fascinante, é a imaginação. Quando a inteligência se desenvolve ao ritmo da imaginação para criar, ela se alimenta de inspirações. Um outro modo ainda é a inteligência ligada à imaginação e à sensibilidade, a qual é própria do artesão, que com sua sensibilidade percebe a coisa como ela é. Um penúltimo modo é o modo chamado por Aristóteles de “inteligência separada”, isto é, quando a inteligência quer ser ela mesma, indo o mais longe possível: é a inteligência metafísica, aquela que quer ir a fundo, o mais longe possível na compreensão do real. Por fim, o modo da inteligência que mais interessa ao assunto em discussão: a inteligência ligada ao amor:

A inteligência ligada ao amor é todo o domínio do que se chama conhecimento afetivo. Quando nós amamos alguém, queremos conhecê-lo de uma maneira diferente daquilo que a pura razão pode compreender dele. A inteligência quer descobrir, em profundidade, o que é a pessoa amada. Já não nos preocupamos muito com o que os outros podem dizer dela. Queremos descobri-la no que ela tem de mais pessoal e de mais profundo. Queremos apreender, não somente seu coração, mas ainda a sua inteligência, seus gostos, suas preferências. Por exemplo, se essa pessoa é artista, queremos compreender sua maneira de sentir as coisas e de vê-las. O conhecimento afetivo é, portanto, um conhecimento das pessoas; santo Tomás fala, a propósito disso, da “perspicácia da inteligência”. Essa expressão é muito bela. O conhecimento afetivo nos faz entender o que é a pessoa humana, com todo o respeito que lhe é devido, já que ela é um certo absoluto. Cada pessoa humana representa um “mundo”, um “universo”. Através do amor, a inteligência humana se submete à pessoa para descobrir toda sua riqueza, e a maneira como essa pessoa se orienta na realidade. (PHILIPPE, 1998, p. 147).

Dito isso da inteligência, nada mais verdadeiro do que afirmar que amor e inteligência se convergem em um encontro edificante. Assim sendo,

(...) compreendemos agora que não há oposição entre a inteligência e o amor; mas é verdade que certos desenvolvimentos da inteligência podem se realizar

fora do amor. Nossa inteligência tem necessidades vitais, um apetite que a orienta para verdades que podem estar muito distantes da pessoa que amamos. Nós podemos ter grandes desejos intelectuais, por exemplo, no domínio filosófico e metafísico, ou matemático; mas a pessoa que amamos pode não entender nada da filosofia ou das matemáticas! Será preciso renunciar às nossas buscas por causa de nosso amor por ela? É impossível, e isto seria compreender muito mal o amor. Quando se ama alguém, ama-se tudo o que ela ama – pelo menos se trata de fazê-lo -, sobretudo, se o que ele ama é grande. Mesmo se não se tem dons semelhantes, respeitar-se-á o que ele ama. O amor implica o respeito. (PHILIPPE, 1998, p. 148).

Analisando a natureza do amor e da inteligência, e da união entre ambas, como reflete a citação acima, é de se questionar se o ser humano se percebe ou não, como um ser que une o amor e a inteligência em um amor de si lúcido que clama por um ultrapassar-se. De outra forma, é retornar a famosa frase socrática citada anteriormente: “Conhece-te a ti mesmo”. Este convite importante, colaborador, impar, da construção da personalidade humana, muitas vezes é negligenciado: a pessoa, pelo fato de ser quem ela é, por conviver consigo mesma desde a vida intrauterina, pode cair no erro de achar que já sabetudo a seu respeito, que já se conhece absolutamente, esquecendo-se ou ignorando que a pessoa humana é uma caixa de surpresa que nunca se esgota. Em realidade, ninguém se conhece de forma absoluta, a pessoa é sempre um ser a ser desvendado principalmente por si mesma, um ser incompleto que precisa sempre de um outro que o provoque nos encontros e confrontos da vida.

Contudo, inebriado pelos espetáculos capitalistas das propagandas ilusórias, onde a felicidade está em ter, possuir, consumir, apresentar-se interpretando e não sendo, o ser humano, drasticamente, corre o forte risco de perder o prazer de pensar, de gastar tempo consigo e com o outro, de questionar-se e questionar, pois tempo, torna-se dinheiro. É como se a pessoa não se governasse mais, mas se deixasse, de forma acomodada, ser governada pelo que é ditado pelos paradigmas sociais. Daí, tudo se torna relativo e banal, pois a pessoa deixa de exercer o discernimento que lhe é da própria natureza e segue o engodo massificador edescaracterizadora pessoa humana: a poligamia, as corrupções em vários âmbitos, as guerras com suas modalidades, os atentados terroristas, o genocídio, as drogas, o aborto, as traições, o sexo descomprometido, o ser sem Deus, o desrespeito ao outro e também a si mesmo. Eis o desafio:

O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência, que se opõe à esperança que alguns têm no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, por intermédio dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até mesmo refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pode

fazer grande coisas para modificar essa situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade? (DELORS, 2012, pp. 78-79).

A Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, deixa-nos desafiadora questão a saber, como a que se encontra na citação acima e, este artigo, ousadamente, traz a luz da reflexão, a importância do amor de si como desafio cognitivo de superação de uma sociedade ególatra e depressiva. Continua a Comissão:

A educação tem como missão, por um lado, transmitir conhecimento sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência que existe entre todos os seres humanos do planeta. Desde a mais tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para essa dupla aprendizagem. (...) Uma vez que a descoberta do outro passa, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e pelo fato de que deve dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela fornecida pela família, pela comunidade ou pela escola, deve, antes de mais nada, ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então esses sujeitos poderão verdadeiramente, colocar-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver essa atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida. Ensinando os jovens, por exemplo, a adotar a perspectiva de outros grupos étnicos ou religiosos, podem-se evitar incompreensões que produzem ódio e violência entre os adultos. Assim, o ensino da história das religiões ou dos costumes pode servir de referência vantajosa para futuros comportamentos. (DELORS, 2012, pp.79-80)

Portanto,

(...) os métodos de ensino não devem ir contra esse reconhecimento do outro. Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, ao invés de desenvolvê-los, podem estar agindo de forma mais prejudicial do que útil. Esquecendo que funcionam como modelos, com essa sua atitude arriscam-se a enfraquecer por toda a vida nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar as inevitáveis tensões que existem entre as pessoas, os grupos e as nações. O confronto por meio do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do Século XXI. (DELORS, 2012, p. 80)

Isso exige da pessoa um olhar mais apurado sobre si mesma e ir tomando consciência de que poucos sabe sobre si mesma, do outro e do mundo que a circunda, e que precisa se conhecer melhor, se aceitar, se amar e se superar. O extraordinário está aqui: toda esta dialética do se conhecer, se aceitar, se amar e se superar, acontece justamente pela junção do amor e da inteligência, que vai ajudar a pessoa nesta sua, digamos, terapia. É uma terapia de tomada de consciência de si mesma, de sua autonomia e de sua identidade, para melhor viver numa comunidade social, aperfeiçoando cada vez mais seu discernimento de que sobre si, sobre o outro e sobre o mundo nunca se conhecerá plenamente. Portanto, fica claro que: “O processo de

aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência” (DELORS, 2012, p.76).

Assim sendo, a pessoa que se ama vai se percebendo sempre como um ser incompleto, um ser de busca, insatisfeito por natureza. Fazendo este discernimento, a pessoa poderá ser capaz de amar mais verdadeiramente a si mesma. E quanto mais for aprofundado este amor de si mesmo, mas ela se amará e perceberá que este amor é pouco, e que fechado em si mesmo, ele, o amor, ficará empobrecido, estéril; ele não pode ser encerrado em si mesmo, ele não pode se bastar. Daí, com a ajuda da inteligência, a pessoa com o amor de si, poderá fazer a minuciosa leitura interior aguçando a consciência de que este amor não é capaz de satisfazê-la, mas precisa se ultrapassar e chegar ao outro. Reforçando: é um desenvolvimento,

(...) que se realiza desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Nesse sentido, a educação é, antes de mais nada, uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. (DELORS, 2012, p. 82)

O amor está sempre em disposição para alguém; ele pode desabrochar no ato de contemplar uma pessoa real. Quando amamos uma pessoa, movimentamos, voltamos nossa inteligência para a pessoa amada, indo além do amor que sentimos por nós mesmos. Já dizia Philippe:

Conhecer-se e amar-se não pode ser nossa verdadeira felicidade porque somos limitados demais em nós mesmos. Ora, temos, graças A nossa inteligência e à nossa vontade, uma sede de ir além de nós, de ultrapassar-nos, uma sede quase infinita. Nossa sede de busca da verdade não pode satisfazer-se com o nosso conhecimento de nós mesmos. Nossa sede de amar não pode parar em nós mesmos, em nossa pessoa, por mais amável que ela seja. Nossa pessoa, por mais perfeita que seja, não pode bastar-nos. Ela pode nos atrair, despertar em nós um amor espiritual; podemos amar a nós mesmos, sermos amáveis a nós mesmos e ficarmos felizes por este amor, mas não podemos repousar neste amor. Devemos servir-nos dele para ir mais longe no amor: servir-nos deste amor que temos a nós mesmos para amar aquele que é próximo de nós e que poderá tornar-nos um amigo. (PHILIPPE, *in* Análise e Síntese, p. 81).

A inteligência se alimenta das realidades sensíveis; a partir das sensações e das imagens, ela vai se desenvolvendo progressivamente. Este devir também acontece no relacionamento com a pessoa amada: à medida que a inteligência se volta à pessoa amada, o conhecimento e o querer conhecê-la cada vez mais para melhor estar com ela e, amá-la cada vez mais, vai crescendo prazerosamente. E quanto mais a inteligência a conhece, pelo amor que as une, tanto mais ela quer conhece-la. Philippe ressalta que, quanto mais a pessoa se desenvolve em sua inteligência, mais capacidade de amar ela terá. Segue a citação:

É preciso insistir sobre este ponto: o desenvolvimento de nossa inteligência coloca em nós novas capacidades de amar. Com efeito, se nossa inteligência se desenvolve, nosso horizonte se amplia e nosso coração torna-se mais capaz de amar. Se nossa inteligência se desenvolve do lado metafísico, temos uma preocupação maior de conhecer o real, a verdade, e o nosso coração cresce, eis por que não existe oposição entre inteligência e o amor. Aliás, se temos inteligência, preferimos sempre amar alguém inteligente, que continue a desenvolver sua inteligência. A admiração mantém o amor: ela é até uma condição absoluta necessária dele, e é sem dúvida pelo lado da admiração que compreendemos melhor a ligação entre o desenvolvimento da inteligência e o do amor. (PHILIPPE, 1998, p. 150).

Philippe é bastante objetivo a respeito do amor e da inteligência, os quais, como foi visto, juntos, fazem da pessoa um ser, cada vez mais, de práticas virtuosas, nobres, desenvolvendo progressivamente sua consciência sobre o valor intrínseco do amor de si e do amor ao outro. Além do mais, o amor de si com a inteligência faz do ser humano um ser de prudência. Segue Aristóteles:

As pessoas boas, portanto, devem ser amantes de si (elas se beneficiariam e beneficiariam seus companheiros com a prática de atos nobilitantes), mas as pessoas más não devem, pois elas se prejudicariam e prejudicariam o próximo, seguindo, como seguem, as emoções más. No caso das pessoas más, o que elas fazem é o contrário do deveriam fazer, mas as pessoas boas fazem o que devem, pois a inteligência em cada uma das pessoas que a possui escolhe o que é melhor para elas, e as pessoas boas obedecem à sua inteligência. (ARISTÓTELES, 1992, IX, cap. 8, 1169 a, p. 184).

No final deste percurso analítico do aspecto amoroso da pessoa consigo mesma, aspecto que contempla duas formas de amor si: a do amor que liberta e a do “amor” que aprisiona. Este como foi visto é um amor de si mesmo que fecha de forma narcisista, iludida por um bastar-se a si mesma, tornando-se escrava de suas próprias costelas. Já o outro, aberto, disposto a acolher e aprender com, revela o quanto um outro ser fora de nós, tem sempre algo a oferecer, a contribuir, a ensinar com a sua simples presença que já é confrontadora. É um amor de si que nos dá a inteligência necessária para perceber o quando o outro é necessário à nossa subsistência, pois quer queira, quer não, de forma direta ou indireta, o outro também é agente da construção de nossa personalidade. Na alegria, ou na dor, no seguimento ou na perseguição, no apoio, ou reprovação, enfim, mesmo não querendo conviver com ninguém, esta situação nos faz perceber o quanto é difícil compartilhar do mesmo sal e, mesmo assim não se consegue abrir mão deste sal, pois por mais ruim que ele seja, tem algo a ensinar.

A sabedoria popular nos ensina que há sempre um aprendizado a ser recolhido depois da dor. É verdade. As alegrias costumam ser preparadas no silêncio das duras esperas. Não é justo que o ser humano passe pelas experiências de calvário sem que delas nasçam experiências de ressurreições” (MELO, 2008, p. 29).

A felicidade não está simplesmente, no ser, no ter ou no poder, mas antes de tudo, em uma atividade, nos talentos, nas possibilidades nos diferentes campos da estética, do saber, das artes, das habilidades, das técnicas, das relações humanas. É o concreto levado em conta o agir conforme a excelência moral, que é algo agradável em si mesmo; as pessoas boas seguem estes princípios morais vivendo nobremente. Caso contrário, do que valeria ter virtudes e não agir conforme as mesmas? E para agir conforme as virtudes, não seria necessário um outro que se apresenta fora do “eu” como àquele que nos provoca a fazer algo? Pois, é notório que: “O ser humano acostuma-se com o que tem, com o que ama, e somente a ruptura com o que se tem e com o que se ama abre-lhe os olhos para o real valor de tudo o que estava ao seu redor” (MELO, 2008, p. 29). O outro, portanto, é fomentador de ruptura do “eu”. O outro contribui com o desabrochar vital da pessoa, à sua atuação, em particular no campo do conhecimento e da afetividade. Contudo, sem amor de si que se ultrapasse e contemple a importância do outro, ficará difícil acontecer esta ruptura.

5. Considerações finais

O amor para crescer reclama que a pessoa seja virtuosa, assim ela estará sempre buscando fazer o bem, agindo conforme a virtude. Esta pessoa busca ser justa e quer para o outro o mesmo ou quase o mesmo bem que quer para si mesma e, isto geralmente se encontra na pessoa que tem amor para com ela mesma. Contudo, não há amor de si se a pessoa não ama seu mais verdadeiro ser, “isto é, amar em si o que há de melhor, de mais essencialmente seu; de outro modo, não se ama verdadeiramente” (PHILIPPE, *in* Análise e Síntese, p. 81). Porém, como foi visto, este amor de si, é incapaz de bastar-se a si mesmo, é incompleto, precisando de um ultrapassar-se de si e ir em direção da descoberta de um outro, o qual o provocará a desabrochar.

A dimensão amorosa de uma pessoa para com ela mesma, a orienta para uma lucidez cada vez mais crescente da noção do quanto este amor implicará em um clamor natural à natureza humana: ser um ser de relação. Este ser de relação que é a pessoa humana, passa a perceber que esta dinâmica da existência implica em nem se fechar em um egoísmo e, nem em se fechar por falta de amor próprio alimentado por uma baixa autoestima, em um olhar depreciativo voltado para consigo mesmo, incapaz de se perceber precioso, honrado e amado tanto por si mesmo, quanto por alguém. É um amor que liberta, que faz pessoa um ser melhor,

um ser de aprendizagem contínua, pois está sempre aberto a aprender com. Portanto, há assim, neste amor, uma forma de salvaguardar para si mesmo, o que lhe é de mais peculiar: a felicidade. O ser de felicidade é este ser que ao se descobrir com amor de si, procura estabelecer regras, discerni profundamente suas escolhas, opta pela que engrandece e não diminui sua humanidade e dá limite às situações e pessoas que queiram invadir o solo precioso de suas emoções, inteligência, afetos e de seu amor, em uma verdadeira batalha, externa e interna, contra ao que tanto favorece ao egoísmo, quanto ao que leva a depressão.

Está aqui a atuação da grandiosa beleza que mais nenhuma outra criatura goza a não ser a humana: a faculdade intelectual de ser inteligente, de ter um olhar sobre uma situação, sobre uma pessoa e sobre a realidade que o circunda de modo geral, e fazer uma leitura interior daquilo que se torna invisível aos olhos físicos, porém, *a priori*, se tornam necessários como, e não só, fomentadores do discernimento que a inteligência passa a ter. É fabuloso notar o quanto o amor nos engravida de emoções, moções, conhecimento extrínseco e intrínseco e, nos faz parir ideias construtoras de nossa personalidade/ identidade e desabrochar em um compromisso cooperativo com o outro e, de modo geral, com o próprio habitat. A consciência interativa, nascida de um amor de si, faz com que a pessoa se torne cada vez mais responsável pelos seus atos e estabeleça em seu agir, princípios edificantes que desemboquem sempre em ganho, não no contexto capitalista, mas enquanto realidade progressiva, onde a base não é o ter e ou o poder que degenera a pessoa enquanto ser de correlação e a faz ser competitiva e rival, pois o outro nada mais é do que um oponente seu. O ganho aqui referido, é o que leva a pessoa a notar o quanto o seu “eu” é importante sim, mas sem o “tu”, fica empobrecido e, vice versa, pois a soma geradora de uma nova pessoa o “nós” despertará a certeza de um caminho a ser construído com base em princípios éticos comprometedores da pessoa em seu todo aguçando sua mentalidade de acolhida, respeito, serviço, valoração e interação. Reforça Dom Valfredo Tepe: “o “eu” inconfundível que se abre para o “tu” e, na dinâmica a abertura, abrange o “nós”, primeiro da família natural e, em sequência, em forma de expansão, da grande família humana em suas várias escalas sociológicas” (TEPPE, 2003, p. 300).

Sem mais delongas, o amor de si, é uma potencialidade cognitiva que quanto mais aberto se faz, mais inteligente a pessoa se torna, pois passa a conhecer melhor a si mesma; é um verdadeiro *leitmotiv*. À medida que a pessoa se permite ir além de si mesma em um amor que se ultrapassa, ela vai aprendendo a aprender, através de novas experiências, positivas ou negativas, a ser cada vez mais resiliente, proativo, capaz de dar passos cada vez mais significantes para sua existência. “Compreender os outros faz que cada um conheça melhor a

si mesmo. A forma como nos identificamos é de fato complexa. Cada indivíduo define-se em relação ao outro, aos outros e aos vários grupos que pertence, segundo modalidades dinâmicas” (DELORS, 2012, p. 41). A pessoa enquanto um ser de busca, vai estar sempre querendo adquirir novos conhecimentos, e aqui está o tocante, não só conhecimento vindos de fora, provocados por uma louca correspondência de paradigmas midiáticos, mas e principalmente, conhecimento interno, de si mesmo, tornando-se sujeito de sua vida e não um brinquedo que, quando quebrado e não mais correspondente aos apelos padronizados de uma sociedade excludente é jogado fora e trocado por um outro. É como bem conclui o pedagogo Gabriel Chalita: “O ser humano é genial pela fascinante complexidade de sua razão e de seus sentimentos. E o ser humano é genioso pela fragilidade com que às vezes encara essa mesma complexidade”. (Gabriel Chalita, 2009, p. 14).

Portanto:

Devemos cultivar, como utopia orientadora, o propósito de encaminhar o mundo para uma maior compreensão mútua, para um maior sentido de responsabilidade e de solidariedade na aceitação de nossas diferenças espirituais e culturais. A educação, ao permitir o acesso de todos ao conhecimento, tem um papel concreto a desempenhar no cumprimento desta tarefa universal: ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de que cada um compreenda melhor a si mesmo. (DELORS, 2012, p. 42)

6. REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos**, trad. Mário da Gama Kury, 4ª ed. Brasília, Unb, 1992.
- BRANDÃO**, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, vol. II, 15ª ed. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2005.
- CHALITA**, Gabriel. **Homens de cinza: contos sobre o universo masculino**, Rio de Janeiro, Ediouro, 2009.
- CURY**, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**, Rio de Janeiro, Sextante, 2003.
- DELORS**, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**, trad. José Carlos Eufrázio, 7ª ed. revisada, São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2012.
- MANDELA**, Nelson. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzY0Nzkx/>>. Acesso em 18 de junho de 2015.

MELO, Fábio de. **Quem me roubou de mim? : o sequestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa**, 38ª ed. São Paulo, Editora Canção Nova, 2008.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **Alguns elementos da reflexão para uma filosofia ética**, *in*, Análise e Síntese, revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico São Bento, Salvador, edições SãoBento, Ano I, 2002.

_____. **Introdução à Filosofia de Aristóteles**, trad. Gabriel Hebon, São Paulo, Paulus, 2002.

_____. **O amor de si: Obstáculo ou Meio Privilegiado para o Encontro do Outro?** *In*, Cahiers de l'École Saint Jean, nº 111, septembre 1986, trad. Portuguesa Celeste de Ávila Magalhães Souza, Salvador, CSJ.

_____. **O Amor, na visão filosófica, teológica e mística**, trad. Celeste Magalhães Souza, Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.

PLATÃO. **A República**, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, CatousteGulbernkian, 1967.

_____. **O Banquete, ou Do Amor**, trad. intro.e notas do Prof. J. Cavalcante de Souza, 9ª ed. RJ, Bertrand Brasil, 1999.

TEPE, Valfredo. **Antropologia cristã: diálogo interdisciplinar**, Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.